Portugal|Japão 2023

Kuniko Kato e Nuno Aroso no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco e no Teatro Aveirense

A Arte no Tempo apresenta ‘Portugal|Japão’, concerto que reúne os percussionistas Kuniko Kato e Nuno Aroso num programa que se estreia a 17 de Maio, no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, pelas 21h30, e que abre a 4ª edição da bienal Reencontros de Música Contemporânea, na noite seguinte à mesma hora, no Teatro Aveirense.

Já que Portugal e Japão partilham um conjunto de palavras, lugares e memórias, frutos da inestimável herança de viagens de outrora, Nuno Aroso - professor, investigador e solista de percussão, com intensa actividade concertística nacional e internacional, desde sempre fascinado por estes movimentos e seus protagonistas, desde os pioneiros até, por exemplo, Wenceslau de Moraes - iniciou um processo de exploração das afinidades musicais entre as duas culturas, o que o conduziu à necessidade de expor essa “contaminação” cultural à área da música dos nossos dias. Neste programa, junta-se a Kuniko Kato, figura maior da percussão japonesa, explorando os universos paralelos do instrumental clássico e do tradicional, para apresentar em estreia absoluta uma obra composta para a ocasião por António Chagas Rosa (1960), precedida por obras da luso-espanhola Inés Badalo (1989) e dos compositores japoneses Atsuhiko Gondai (1965), Akira Miyoshi (1933 - 2013) e Misato Mochizuki (1969), esta última em estreia europeia.

Ainda na sequência deste programa, Kuniko Kato orientará uma master class de percussão, no dia 19 de Maio (das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30), no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

A Arte no Tempo é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Cultura / Direcção Geral das Artes.

Contacto para agendamento de entrevistas

Maria Gabriela Ferreira   
e-mail: mariagabrielaferreira@artenotempo.pt  
tel.: 91 946 59 83

**BIOGRAFIAS DOS INTÉRPRETES**

**Kuniko Kato** é uma das mais dotadas percussionistas da sua geração. O seu espantoso virtuosismo, requintada visão musical, expressivo e elegante estilo performativo não deixam de atrair, não apenas audiências, como também maestros e compositores consagrados. É reconhecida pela sua técnica irrepreensível, quer em lâminas quer em percussão, que combina na perfeição com a sua profunda inteligência musical.

Kuniko estudou na Escola de Música Gakuen, em Tóquio, com o lendário intérprete de marimba Keiko Abe, prosseguindo estudos com Robert van Sice, no Conservatório de Roterdão, onde se graduou (summa cum laude) como primeira percussionista na história da instituição.

Depois de concluir os seus estudos, fixou-se na Europa por mais de dez anos, onde ganhou importantes prémios como, em 1996, o Kranichsteiner Musikpreis do Internationales Musikinstitut Darmstadt e o segundo prémio do concurso de marimba International Leigh Howard Stevens. Em 1997, Kuniko gravou o Concerto para Marimba de James Wood, em Londres, onde a sua actuação foi muito aplaudida pela BBC. Foi ainda solista convidada do concerto monográfico de James Wood, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield de 2001, transmitido pela rádio BBC3. Em 1999, lançou o seu primeiro álbum a solo, *To the Earth*.

Nos momentos altos da sua carreira incluem-se a estreia japonesa da produção de teatro musical de Wood, *The Pure Land* (Jôdo), em 2005; a recriação do concerto para percussão *Cassiopeia*, de Tōru Takemitsu, em Maio de 2006, no Takemitsu Memorial Concert, na Ópera de Tóquio. Esta interpretação foi gravada ao vivo e distribuída em CD de edição limitada. Entre 2008-09, Kuniko apresentou-se a solo no 1o Festival Internacional de Percussão da Universidade de São Paulo, apareceu no histórico Monday Evening Concert de Los Angeles, num recital a solo na New Music Society de Vancouver e na estreia japonesa do Double Concerto de Unsuk Chin, no Festival de Verão de Suntory. Em Março de 2009, Kuniko criou uma nova performance ao vivo, em Tóquio: *Sound Space Experiment – Steel Drum Works*. Neste espectáculo, apresentou em estreia mundial *Electric Counterpoint*, de Steve Reich, transcrita pelo compositor para steel drums, marimba e vibrafone. Em 2010, foi convidada para dar concertos e masterclasses no Canadá, Austrália, Portugal, Congo e África do Sul. Kuniko apresentou ainda *Steel Drum Works* em Vancouver, Saitama e Itami, e no festival internacional de música Les Flâneries Musicales de Reims, em 2011. Aclamada pela crítica, a edição *kuniko plays reich*, distribuída pela Linn Records, em 2011, contém arranjos exclusivos de várias obras clássicas minimalistas dos anos 80, de Steve Reich, apresentados ao vivo em Tóquio, Nova Iorque, Modena, Reims e no Festival de Cheltenham, em Inglaterra. Em 2012, Kuniko fez uma digressão mundial, com múltiplas performances no Japão, Paris, Madrid, Barcelona, Colónia, Austrália e uma residência na Arménia. *kuniko plays reich in Kyoto*, apresentado no Centro de Artes de Kyoto, em 2012, mereceu o prestigiado 12o Keizo Saji pela Suntory Arts Foundation.

Em 2013, o seu muito aguardado segundo álbum pela Linn foi mundialmente difundido, contemplando o primeiro arranjo para percussão de quatro obras do compositor estónio Arvo Pärt. Este álbum, intitulado *Cantus*, esteve no Top 10 Specialist Classical Chart britânico e recebeu o 26o ‘Best Recording’ do Music Pen Club japonês.

Em 2016, Kuniko lançou um álbum com as magistrais *Pléïades* e *Rebonds* a. b., de Iannis Xenakis, que mereceu uma dupla nomeação da Academia Japonesa, para as categorias de ‘Best Contemporary Music’ e ‘Best Recording’. 2017 foi o ano do lançamento da Obras Solo para Marimba, em que Kuniko interpreta as Suites para Violoncelo e as Sonatas para Violino de J. S. Bach. Este álbum começou como número 2 no Classical Billboard Chart do Japão, foi o mais vendido do ano da Linn Records e arrecadou o 10º Grande Prémio CD Shop do Japão.

Em 2018, Kuniko gravou o seu quinto álbum de estúdio, *Drumming*, um regresso da talentosa percussionista à música de Steve Reich, compositor da sua preferência desde 2011. O concerto ao vivo no Suntory Hall recebeu o prémio da excelência no 73º National Arts Festival da Agency for Cultural Affairs Japan.

Mais recentemente, Kuniko foi nomeada embaixadora especial da sua cidade natal, Tokyohashi, Aichi, no Japão.

Kuniko está fortemente implicada na educação musical, realizando oficinas de percussão, masterclasses e ensaios abertos, sempre que possível no contexto de recitais a solo. Desde 2004, tem trabalhado com crianças incapacitadas, no Japão, incluindo uma série de oficinas de log drum (slit drum).

Kuniko Kato é a única artista japonesa na Linn Records e é representada globalmente pelas holandesas Pearl e Adams. Actualmente, reside nos Estados Unidos da América.

kuniko-kato.net

Professor, Investigador e solista de percussão com intensa actividade concertística, **Nuno Aroso** (Porto, 1978) desenvolve a sua carreira focado no desenvolvimento da literatura para a sua área instrumental. Tocou em estreia absoluta mais de 120 obras, em formato de concertos para percussão, música de câmara e solos, e gravou parte deste repertório em inúmeras edições discográficas.

Apresenta-se ao vivo em palcos de Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Eslovénia, Brasil, China, Tailândia, Suíça, África do Sul, Argentina, Grécia, Suécia, Inglaterra, Canadá, Bulgária, Tunísia, Escócia, Coreia do Sul, Japão, Chile e EUA.

Particularmente motivado para o enriquecimento e renovação da forma do concerto enquanto espectáculo completo e multidisciplinar, desenvolve com frequência relações artísticas com outras disciplinas: Dança, Cinema, Teatro, Literatura, “Media Arts”. O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com inúmeros artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação.

Nuno Aroso licenciou-se pela Escola Superior de Música do Porto com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. É doutorado pela Universidade Católica Portuguesa, onde defendeu a tese *The Gesture’s Narrative – Contemporary Music for Percussion*.

Lecciona na Universidade de Aveiro e na Escola Superior de Música de Lisboa. Estende a sua actividade docente a outras prestigiadas universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte (Brasil), Conservatório Superior de Aragão (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao (Itália), Festival de Percussão de Uberlandia (Brasil), Days of Percussion – Athens (Grécia), World Percussion Movement – Bari (Itália), Universidade Federal da Bahia (Brasil), Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Connect Festival – Malmö (Suécia), Konart Percussion Academy Barcelona (Espanha), Universidade de la Plata (Argentina), Conservatório de Macau (China), Conservatório de Paris (França), Northwestern University (EUA), University North Texas (EUA), Festival de Percusión de Patagónia (Argentina), Valencia Percussion Academy e Escuela Superior de Música de Extremadura – Musikex (Espanha), Manhattan School of Music (EUA), Universidad Alfonso X – UAX (Espanha), entre muitos outros. É membro da unidade de investigação INET/MD.

**PROGRAMA DETALHADO**

• Misato Mochizuki (1969) | *Quark – Intermezzo III*\*\* [2010] ca 13′

para um percussionista (NA)

• Atsuhiko Gondai (1965) | *'Liebster Jesu, Wir sind hier'* [2001] ca 15′  
para marimba solo (KK)

• Inés Badalo (1989) | *Glass landscapes* [2021] ca 9’  
para um percussionista e objectos de vidro (NA)

• Akira Miyoshi (1933-2013) | *Torse III* [1965] ca 8’  
para marimba solo (KK)

• António Chagas Rosa (1960) | *From the Journal of Delacroix*\* [2021] ca 15’  
para dois percussionistas

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

\*\* estreia europeia

**NOTAS SOBRE AS OBRAS**

**Misato Mochizuki (1969) | *Quark – Intermezzo III* [2010]**

Parece-me que a maior parte do que criamos tem origem numa energia invisível (pensamentos, inspiração, magnetismo, poder, etc). Essas forças invisíveis atraem outras energias similares, esse processo repete-se e, pouco a pouco, toma a forma duma “realidade visível”.

Os *quarks* [em português, quartzos] são como os grãos de energia que constituem os fenómenos visíveis. O título da peça evoca a natureza primitiva da energia, cujo fruto não é ainda conhecido. Transcrevi-a em música através de sons percussivos sem altura definida ou quase imperceptível.

No início da peça, as sequências harmónicas que surgem ocasionalmente no rumor da borracha ou na fricção dos instrumentos são apresentadas como a energia acústica primordial – a desordem (o ruído) e a ordem (os harmónicos) emergem da desordem (ruído). Que imagem sonora se forma a partir desses sons “invisíveis/quase inaudíveis”? E as sensações tácteis provocadas, os gestos que as acompanham (girar, esfregar, bater) e a sua evolução? Essa é a questão que mais me interessa no meu ciclo *Intermezzi* (actualmente, I – VI), inspirado pelo pensamento de Roland Barthes (1915 – 1980) respeitante à escrita em fragmentos: «Escrever por fragmentos: os fragmentos são então pedras sobre  o contorno do círculo: espalho-me à roda: todo o meu pequeno universo em migalhas; no centro, o quê?» «Como, quando se põe fragmentos em sequência, nenhuma organização é possível? Sim: o fragmento é como a ideia musical de um ciclo (*Bonne Chanson*, *Dichterliebe*): cada peça basta-se e, no entanto, ela nunca é mais do que o interstício das suas vizinhas: a obra é feita apenas de páginas avulsas. O homem que melhor o compreendeu e praticou a estética do fragmento (antes de Webern) foi, talvez, Schumann; chamou ao fragmento *intermezzo*; multiplicou os intermezzi na sua obra: tudo o que produzia era finalmente intercalado: mas entre quê e quê? O que significa uma pura sucessão de interrupções?» (excerto de “Roland Barthes por Roland Barthes” [livremente traduzido do francês].)

O intérprete desta obra é como um xamane que expande o mundo a partir de partículas sonoras.

*Quark - Intermezzi III* foi estreada em Novembro de 2010, no Tokyo Bunka Kaikan, pela percussionista Sumire Yoshihara, que a encomendou.

M. M.

**Atsuhiko Gondai (1965) | *'Liebster Jesu, Wir sind hier'* [2001]**

Tendo por base a obra que Bach compôs sobre o hino “Liebster Jesu, Wir sind hier”, esta peça de Atsuhko Gondai foi criada por encomenda de Kuniko Kato, que a estreou no ciclo de recitais “B to C” (Bach to Contemporary) na Tokyo Opera City, em 2001.

**Akira Miyoshi (1933-2013) | *Torse III* [1965]**

Dividida em quatro pequenos andamentos – I. *These*, II. *Chant*, III. *Commentaire* e IV. *Synthese* – a obra *Torse III* faz uso de movimento melódico disjunto em registos extremos, típicos dos compositores franceses contemporâneos, mas não antes escutados na marimba. Esta obra introduz novas técnicas de baquetas, como *rolls* independentes de uma só mão. É, aliás, a primeira obra para marimba solo a requerer a utilização de quatro baquetas ao longo de toda a sua duração. A obra foi estreada por Keiko Abe em Outubro de 1965 na Sala Yamaha, em Tóquio.

**Inés Badalo (1989) | *Glass Landscapes* [2021]**

Copos, aquários, taças, berlindes..., objectos do quotidiano que se transformam em objectos sonoros, gerando nuances e gradações diversas.

Partindo do mesmo material, o vidro, surge uma grande variedade de ressonâncias originadas desde os diferentes objectos e modos de produção sonora, como choques, fricção ou golpes, explorando ao longo da obra uma paisagem sonora de timbres vítreos, transparentes e frágeis, que se manifestam individualmente, ou se entrelaçam numa mistura que dá origem a uma tapeçaria cristalina.

Sons que nos remetem a um universo tímbrico onírico, água, aquários, berlindes, paisagens de vidro no imaginário colectivo, memória, lembranças de jogos, reflexos inconstantes.

I. B.

**António Chagas Rosa (1960) | *From the Journal of Delacroix* [2021]**

Esta obra é simples e bruta. Dois percussionistas enfrentam-se a uma mesa coberta de papéis. Dois microfones nos extremos da mesa registam o som de pulsos que caem, de papéis amachucados e rasgados, de dedos que percutem a superfície à procura de uma expressão mais táctil que neurótica. É como se fosse necessário torturar o papel e tudo aquilo que ele contém. Neste caso, são páginas de um diário magnífico do Romantismo: páginas que Delacroix escreveu aos milhares, sendo ele, tal como Schumann, um criador que hesitou entre a sua linguagem artística de eleição e a literatura. Delacroix foi um representante eloquente da pintura romântica europeia, na sua dimensão mais livre e selvagem, e alguns dos seus conceitos só iriam ser igualados por Picasso. No entanto, Delacroix, no tocante à arte sua contemporânea, incluindo música, era avesso a uma modernidade sua equivalente. Amava os pintores renascentistas e a música de Mozart e Rossini, aí residindo uma contradição que eu achei fascinante. E assim surgiu a ideia de se ouvirem passagens do seu diário sobre a textura dos golpes dos dois percussionistas, em registo gravado, trabalhado, amplificado e distorcido, como se Delacroix fosse obrigado a ouvir exactamente o oposto daquilo que escrevia sobre arte. Penso que esta será a descrição mais objectiva desta cena literária com som.

Agradecimento especial a Olivier Carret pela sua leitura dos *Diários de Delacroix*.

A. C. R.

**COMPOSITORES**

https://artenotempo.pt/misato-mochizuki/

https://artenotempo.pt/atsuhiko-gondai/

https://artenotempo.pt/ines-badalo/

https://artenotempo.pt/akira-miyoshi/

https://artenotempo.pt/antonio-chagas-rosa/